CRIANÇAS BRUTALIZADAS, FEITAS CRIMINOSAS

★ Como recuperar e reintegrar estas vítimas do banditismo armado?

Domingo 22/11/87

por Teresa Sá Nogueira

A situação das crianças raptadas e treinadas para roubar e matar, pelos bandidos armados, foi tema de um encontro entre o Ministro da Saúde, Fernando Vaz, e representantes das organizações internacionais que apoiam Moçambique. Trinta crianças dos 5 aos 16 anos chegaram agora a Maputo, libertadas do cativeiro pelos nossos soldados. Que se vai fazer com elas, para as recuperar? Essa foi a pergunta que o Ministro Fernando Vaz colocou à comunidade internacional, pedindo-lhe apoio para, em conjunto, se resolver o seu destino.

Na sala do Ministério da Saúde estavam representantes da Cruz Vermelha, da ARO, do UNICEF, da OMS, da Caritas, do PMA, do PNUD, da NORAD, do «Save the Children». Estava a Embaixadora dos Estados Unidos, Sr.ª Melissa Wells, que pediu expressamente para comparecer. Estava gente ligada à Igreja e a vários organismos que, de uma forma ou doutra, apoiam o nosso País.

Jovem ferido a golpes de catana

Todos unidos na mesma indignação e horror perante as imagens de um filme que ali foi projectado: um grupo de meninos de palmo e meio de altura a contarem histórias de combates onde os forçaram a actuar. A falarem de marchas forçadas, de treinos com armas de fogo, de violação, de roubo e de morte. Não havia outro caminho para eles: ou obedeciam ou eram castigados.

E ali castigo significa pancada, mutilação ou assassinato.

Estas são crianças instrumentalizadas pelos bandidos armados — comentou o Ministro da Saúde — **foram raptadas de suas casas, de suas famílias, de suas escolas ou dos campos, onde pastoreavam o seu gado. Foram meninos treinados para reconhecer a movimentação das tropas, a localização dos quarteis; para roubar e para matar. Peço as vossas sugestões e apoio para o destino a dar a estas crianças que agora estão a ser utilizadas pelos bandidos armados, com consequências trágicas para toda uma geração.**

PROTECÇÃO À INFÂNCIA

O Ministro Vaz chamou à atenção para a alta prioridade que a infância merece do Governo de Moçambique. Os programas materno-infantis, de vacinação, de formação de pessoal para atendimento a crianças em situação difícil, as creches e infantários são sempre objecto de grande atenção por parte das nossas estruturas. Nos primeiros anos da Independência, a situação tendia a melhorar, no campo de protecção à infância: a mortalidade infantil baixava progressivamente com diminuição das doenças infecciosas e diarreias, havia maior esperança de vida, o panorama tornava-se gradualmente mais desanuviado.

Em 1981 e 82 houve períodos de grande seca no País. Deu-se uma paragem na curva ascendente do quadro, com degradação progressiva do estado de saúde das nossas crianças.

Atendendo a que elas são sempre as maiores vítimas das calamidades naturais e da guerra, temos agora um quadro sombrio, que nos coloca na cauda dos países subdesenvolvidos: a mortalidade infantil é de 200 por mil, ou seja em cada mil crianças menos de 200 atingem um ano de idade. A mortalidade juvenil (dos 0 aos 4 anos) é superior a 350 por mil.

E 45 por cento desta mortalidade — concluiu Fernando Vaz — **é devida à acção da guerra e à desestabilização imposta pelo regime de Pretória, de que os bandidos armados são o instrumento principal.**

É, pois, a guerra que nos é imposta a causa principal desta situação. Muitos centros de Saúde e hospitais das zonas rurais estão destruídos, 25 por cento das unidades sanitárias do País estão fora de serviço e as populações não têm possibilidade nenhuma de as reconstruír. Sua vida, neste momento, é uma fuga constante aos bandoleiros que as expulsam de suas terras e as assassinam.

CRIANÇAS RAPTADAS

Para efeitos de assistência, as crianças estão divididas pelo Ministério da Saúde em três grupos: o primeiro engloba os órfãos, perdidos e abandonados, o segundo, crianças da rua e o terceiro crianças dos infantários.

As crianças raptadas e usadas em combate vêm criar uma situação completamente nova. Delas só se teve notícia a partir do ano passado.

Trinta desses meninos chegaram agora a Maputo. Rotos, sujos, doentes, carregando traumas profundos que, em alguns, talvez perdurem por toda a vida.

Um grupo de crianças num campo de deslocados. Com esta idade, conseguem recuperar

Os mais pequenos ajudavam na cozinha, na limpeza ou a acarretar água, lenha e munições — explica Fernando Vaz — **Os outros eram treinados para acções de combate. Com oito anos já sabem manejar armas automáticas. Ao fim de dois meses de treino são considerados aptos para o combate. Outros são treinados para marchas e reconhecimentos. Carregam consigo um pau, simulando uma arma. Alguns, aqui, ainda têm esse hábito. E se recusam são castigados com mutilações físicas, ou pancada e prisão.**

Uma das crianças apresentada no filme é prova disso. Falta-lhe um pedaço de orelha e as pontas de todos os dedos da mão esquerda. **Às vezes fogem e entregam-se às nossas tropas. Ou são recuperados, quando tomamos as bases. Nelas, encontramos as crianças-organizadas em grupos. Os mais velhos ficam como chefes e são treinados para mobilizar e controlar as crianças mais pequenas.**

Um dos meninos que vimos era o guarda da prisão. Ainda hoje conserva consigo um arame à cintura — para as chaves? — e um cacete na mão. A sua cara é séria, os seus modos bruscos e agressivos. Tem onze anos de idade.

RELATÓRIO MÉDICO

O relatório da equipa médica que observou estas crianças é terrível. Fora a sujidade e os piolhos que carregavam, todos eles têm problemas de saúde: sarna, parasitoses, conjuntivite, má nutrição.

Quatro precisam de internamento imediato. Pior ainda são os traumas que conservam e que os irão ainda marcar por muito tempo. São crianças ansiosas ou apáticas, agressivas algumas, com variável desenvolvimento de inteligência. Convivendo diariamente com a violência e o medo, outra coisa não seria de esperar.

Todas elas têm uma imensa necessidade de ternura. No lugar donde vêem, não podiam brincar. Não podiam conversar com os mais pequenos, mesmo que fossem seus irmãos. Alguns viram a sua família ser morta às mãos dos bandidos. Outros tiveram que matar. Outros ainda eram forçados a assistir a violações de suas mães pelos criminosos.

Que tempo irá demorar até que todo esse pesadelo desapareça das suas memórias?

A utilização das crianças não é um processo novo — lembra o Ministro Fernando Vaz — **Os nazis utilizavam-nas para minar o povo, desde a sua semente. Crianças que são treinadas para roubar e matar serão futuros delinquentes de amanhã, se não lhes acudirmos a tempo.**

Esse é o objectivo dos bandidos e dos seus mentores, do lado de lá da fronteira: destruir toda uma geração de moçambicanos.

SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA

O Ministro da Saúde explicou às organizações a necessidade do seu apoio para se encontrar uma solução para este problema. Que fazer com aquelas crianças? Integrá-las em famílias? Não é viável. Quase todas necessitam de um trabalho grande de recuperação. Onde? Não sabemos ainda. Não poderá ser numa escola normal. Mas também não podem ficar segregados de outras crianças. Necessita-se uma instituição especial, que não temos. Terá de ser criada urgentemente, até porque muitos outros casos semelhantes vão aparecer.

Também não temos psicólogos nem psiquiatras moçambicanos. Vamos ainda formá-los. E até lá, pedir ajuda aos países amigos. **Moçambique era um País com 95 por cento de analfabetismo, quando da Independência** — diz o Ministro da Saúde a Melissa Wells, que lhe perguntara qual a nossa capacidade quanto a pessoal médico especializado. **— Demos prioridade à formação de outros quadros. Formaremos psicólogos clínicos. Também não podemos ainda dar uma imagem global deste problema. Temos 200 000 crianças órfãs, perdidas ou abandonadas. Os raptados estarão neste grupo e numa percentagem bastante elevada.**

Lembrando que, eles provêm de zonas pouco acessíveis, onde não é fácil fazer cálculos, o Ministro da Saúde adiantou ser seu propósito avançar de província em província, montando instituições para recuperar as crianças em cada uma delas, sempre que possível.

A recuperação será mais fácil em crianças pequenas e mais difícil nas outras mais velhas, que estão muito traumatizadas. Podemos afirmar que esta é uma emergência sobre uma emergência.

DROGAS

Existe já uma Comissão formada por elementos da Saúde, Educação, Interior, Justiça e OMM para estudar um programa de atendimento a essas crianças e apresentá-lo com urgência ao Governo.

Terminada a explicação dada pelo Ministro da Saúde, «choveram» perguntas na sala. Se se usavam drogas nas crianças. «Se havia meninas. Se se tinham procurado as suas famílias.

Faltam-nos provas materiais quanto ao uso das drogas — diz Fernando Vaz — **Mas, como médico, não tenho dúvida nenhuma de que são forçados a utilizá-las. Um diagnóstico pode ser feito a partir de sintomas. De que outra forma se transformariam em assassinas crianças tão pequenas? Tenho a convicção de que quando as levam para o combate lhes dão drogas.**

Quanto a meninas, no último grupo a chegar, de 16 crianças havia quatro. Logo que atingem a puberdade, são violadas pelos bandidos. Neste grupo, uma das meninas, com cerca de onze anos, parece já ter tido relações sexuais. Esta afirmação é feita pela senhora que as trata e a quem chamam de mãe.

Todas estas crianças estão de tal forma traumatizadas pelo que passaram, que encaram com terror a ideia de voltarem às suas aldeias, por pensar que aí os bandidos as irão apanhar de novo.

Um inquérito está sendo feito para lhes localizar as famílias. Em sete casos parece ser fácil. Em todos os outros, bastante difícil. Muitas delas não conservam mais do que uma remota ideia do lugar onde nasceram, da família a que pertencem.

Má nutrição, anemia, bilharzioze. Esta é a situação da maioria das crianças que se consegue libertar das garras dos bandidos

Crianças do Niassa. Também lá a situação provocada pela guerra é terrível

ALDEIAS SOS?

Que fazer com estes meninos, alguns tão pequenos? O Ministro Vaz avançou uma ideia: criar aldeias SOS, como solução a curto prazo. São aldeias onde as crianças vivem agrupadas em casas, com uma mãe, uma tia ou uma professora a tomar conta em cada casa. Dez crianças em cada casa parece ser o número ideal. E nessas aldeias haver escola, posto de saúde, recreação, tudo quanto necessitam, devidamente apoiadas por psicólogos, professores, assistentes sociais.

Temos uma aldeia SOS em construção em Tete. Mas, entretanto, montar um serviço imediato de apoio. Transferi-los do quartel onde se abrigam para um infantário. Treinar rapidamente o pessoal com mais experiência com crianças em seminários.

Ainda não temos um plano definido. Não temos sequer o perfil psicológico destas crianças. Não estamos familiarizados com esta matéria — diz Fernando Vaz — **como montar um serviço de apoio? Como podem ajudar-nos?**

CRIANÇAS MARCADAS

Fomos encontrar todas essas crianças à sua chegada a Maputo, no quartel onde se abrigaram nos primeiros dias. Todas elas vestiam trapos, pedaços de roupa apanhados do lixo, casacos imensos, rotos e sujos. Dentro, corpos franzinos, ventres enormes, ossos a furar a pele. Tinham olhos redondos de espanto e de medo.

O grupo que chegou na semana passada tinha 16 crianças. Duas delas aparentavam menos de quatro anos, mas talvez tenham cinco. O mais velho deve ter 16. Meninas são quatro. Quase nenhum fala português. Alexandre é o mais velho e nasceu em Vilanculo. Conta que o apanharam quando andava em busca de serviço. Explica-nos depois um oficial das FAM, que acompanhou os seus casos, que ele fazia parte de um dos grupos de reconhecimento. Foi treinado para localizar quartéis e informar.

Antónia e Delfina, as mais pequeninas, são irmãs. Mal sabem falar. Também são de Inhambane. O pai foi morto, a mãe foi levada pelos bandidos, quando fugiam. Contam que têm muitos irmãos, não sabem onde. De todos eles são talvez os que mais depressa vão recuperar. Com aquela idade, ainda é fácil esquecer o sofrimento.

Gito José tem onze anos e é de Malehice. Durante a caminhada para Gaza viu a seu lado uma mulher ser morta à facada. Mas conserva ainda a sua frescura de menino. Conta que quer ser futebolista, quando crescer.

As quatro meninas do grupo não falam muito. Ou porque são muito pequeninas, como Delfina que não deve ainda ter cinco anos. Ou porque viram demasiadas coisas à sua volta e delas não se querem lembrar. Ana tem 10 anos, Angelina 12, Antónia 11. Que faziam na Base? Nada, dizem. **Ficávamos em casa.**

Explica o comissário que para a maioria delas a base dos bandidos é a sua casa. Sobretudo os mais pequenos não se lembram da outra, daquela de onde foram raptados.

Angelina explica que estava na base com uma avó muito velha. Comiam cacanã, folhas de abóbora, raízes. Havia muitas outras crianças naquele lugar, mas nunca brincavam. Quando os soldados da Frelimo chegaram, os bandidos fugiram levando consigo todos esses meninos.

TURTURA

José Zefanias tem 13 anos e é de Vilanculo. O pai foi morto pelos bandidos. Treinava todas as manhãs. Se se recusava a cumprir ordens, batiam-lhe.

No seu grupo havia crianças mais pequenas a treinarem com armas de fogo. Os treinos eram sempre de manhã. Diz que nunca acompanhou nem viu nenhum ataque. Diz isto escondendo a sua mão mutilada, onde faltam todas as partes superiores dos dedos. Vira também de lado a cabeça, para não mostrar a sua orelha decepada. O oficial explica que José é uma das crianças a quem os bandidos castigaram com mutilações. Zé Zefanias tinha sido treinado para fornecer informações dos quartéis das FAM-FPLM. Quando não deu as informações certas, torturaram-no. Participou pelo menos em três combates, depois disso. Foi apanhado com arma de fogo e é uma das crianças treinadas pelos bandidos para matar.

José não fala do seu passado. Ou conta histórias. **O que é muito normal,** comenta o oficial das FAM — **Estes meninos misturam a verdade e a mentira por medo. Sempre assim fizeram e vai levar tempo até que os antigos hábitos desapareçam.**

Campo de deslocados, na Gorongosa: mesma situação de tragédia

Gonçalves, com 12 anos, foi levado pelos bandoleiros quando tomava conta do seu gado. Levaram-no a ele e aos bois. O pai foi morto, da mãe não sabe, pensa que ficou na aldeia.

Foi treinado com os outros. Deram-lhe uma arma e ensinaram-no a usá-la. Saíam à noite, em missão de combate.

Numa noite eu fui picado nos espinhos. Os pés incharam e eu estava muito cansado. Sentei-me e adormeci. Foi então que os soldados da Frelimo apareceram — conta.

História dele — corrige o oficial. **Foi encontrado muito bem acordado com uma arma de fogo na mão. Mente por medo.**

A DESCOBERTA DA INFÂNCIA

No primeiro grupo, também de 15 crianças as histórias não são menos terríveis. Fernando, de 11 anos, foi treinado para guarda de prisão. Viu gente a ser roubada e espancada e ele próprio apanhou muito dos bandidos, até ser considerado «de confiança». Mais tarde passou também a bater, a roubar gado. Matou duas pessoas, que tentavam fugir.

Ainda hoje anda permanentemente com um pau e um arame na cintura.

Felicidade tem onze anos, passou um ano numa base de bandidos.

Ângelo, com 14 anos, ajudou a atacar uma aldeia e a raptar pessoas.

João, com 11 anos, foi raptado com a mãe e dois irmãos. Viu muita gente ser morta pelos bandidos, à sua frente.

Januário, com 10 passou pela mesma experiência.

Pedro, com 11 anos, tem todos os irmãos em poder dos bandidos.

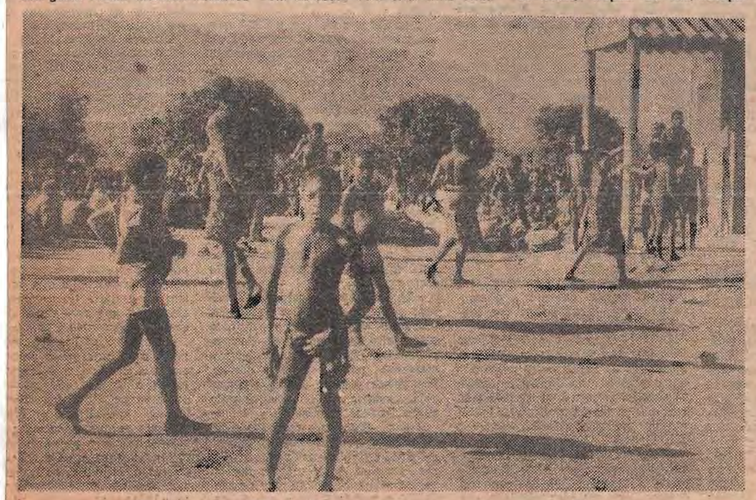
Carlos, um dos mais velhos, com 16 anos, foi espancado por não querer ir buscar água. Como castigo, meteram-no num curral durante duas semanas, brutalmente amarrado.

Quase todas contam histórias semelhantes.

Que traumas profundos não irão agora estas crianças carregar por toda a sua vida? Como poderão ser recuperadas até se tornarem em adolescentes saudáveis e normais?

De repente, no pátio do quartel surgiu uma bola. E a descoberta de um espaço e de um tempo livre para brincar transformou de imediato os olhos daquelas crianças. Largos sorrisos se abriram, os pés e as mãos voaram na pressa e na alegria de apanhar aquela bola. Ficaram de novo meninos de palmo e meio, igualzinhos a outros meninos do seu tamanho, correndo atrás de uma bola.

Imagens vivas da brutalidade dos bandidos. Assim chegam as pessoas aos campos de acolhimento: nuas, descalças, doentes, com fome e com medo



Crianças recuperadas na Gorongosa. Aos poucos, vão reaprendendo a viver